

O Nordeste e os nordestinos no humor do *Pasquim* (1969-1979)

Marly Lúcio do Nascimento*
Tatiana Magalhães Carvalho*

Introdução

Objetivamos, nesta pesquisa, retratar a imagem do Nordeste e dos nordestinos através do humor do *Pasquim*, no período entre 1969 a 1970. Este jornal alternativo – também conhecido como nanico – surgiu no período onde a ditadura militar no Brasil (1964-1985) empregava um regime repressivo e autoritário como arma de perseguição, utilizando-se da tortura e da censura.

Através de uma leitura das imagens e dos textos contidos no *Pasquim* demonstraremos o modo particular pelo qual os nordestinos foram descritos – de forma estereotipada na figura do retirante da seca, do cangaceiro, envolvido no arcaísmo e na denotação de miséria inerente à região. A abordagem será feita com base nas tropologias do cômico, entendidas aqui como o humor, a sátira e a ironia, estabelecendo analogias com as representações retiradas desse hebdomadário.

A Ditadura Militar e a Imprensa Alternativa

A ditadura militar instalada no Brasil no período compreendido entre 1964 a 1985 se caracteriza como uma das fases mais repressivas e antidemocráticas na história da República brasileira. É marcada ainda por ter sido a mais longa das ditaduras militares que se estabeleceu na América Latina, a partir dos anos 60.¹ Com a implantação do Ato Institucional Nº 5, em fins de 1968, deu-se início ao período de maior controle social do regime militar com a utilização descontrolada do aparato repressivo do Estado de Segurança Nacional, que buscava a segurança interna absoluta para a aplicação das políticas econômicas e sociais do governo. As principais medidas do AI-5 podem ser resumidas na centralização política do poder Executivo em contrapartida às restrições impostas ao Judiciário e ao Legislativo, conforme afirma Maria Helena Moreira Alves: “O Estado de Segurança Nacional estava totalmente centralizado e isolado; o Estado corporificava-se no Executivo e a ele se circunscrevia. O Ato Institucional Nº 5 deu origem a um *Leviatã*, que o General Golbery do Couto e Silva antecipara em seus textos dos anos 50, um Estado hobbesiano que absorvia todo o poder”².

Seguinte ao AI-5, outra medida, de mesmo modo opressora, foi lançada em setembro de 1969; trata-se da Lei de Segurança Nacional que traz severas disposições sobre a imprensa, entre

* Alunas bolsistas do Projeto PIBIC/ CNPq/ UFPB: Representações Cômicas do Nordeste no Humor Pasquiniano (sob orientação do Prof. Dr. Elio Chaves Flores).

¹ Segundo José Willington Germano a duração dos regimes militares implantados a partir de 1964 em alguns países da América do Sul foi a seguinte: Brasil – 21 anos (1964-1985); Peru – 12 anos (1968-1980); Uruguai – 11 anos (1973-1984); Chile – 17 anos (1973-1990); Argentina – 17 anos (1966-1983).
GERMANO, José Willington. *Estado e Educação no Brasil*. p.48.

elas a censura prévia aos meios de comunicação e torna o jornalista, o editor e o proprietário, passíveis de responsabilidade criminal, caso seja veiculado algo que infrinja qualquer artigo de lei. Ou seja, a partir daquela data ficava terminantemente proibida qualquer manifestação contrária ao regime, incluindo os meios de comunicação que são submetidos a um forte esquema de monitoramento e controle. Os veículos que não se adequaram aos moldes da nova Lei tiveram edições inteiras apreendidas (no caso de jornais e revistas) e muitos jornalistas foram presos, torturados e até mortos. Entretanto, foi principalmente em consequência dessas disposições que a maior parte da grande imprensa brasileira, de certa forma, preferiu a conivência com a ditadura, por não denunciar de maneira efetiva as suas medidas e por ter se omitido mediante as manifestações dos movimentos contrários ao regime.

Um outro ponto que influenciou esse "emparelhamento" da imprensa convencional com o governo militar foi a questão econômica. As políticas administrativas dessas publicações possuem características de empresas privadas e têm a informação como o produto a ser comercializado, cujo objetivo primordial é a obtenção de lucro, dessa forma, possuem nos anunciantes seus principais clientes que acabam por, também, exercer forte pressão nos conteúdos da grande imprensa. Porém, essa influência nem sempre acontece de maneira direta, com os anunciantes delimitando as diretrizes assumidas por esses veículos, interferindo na sua linha editorial, por exemplo. De acordo com Sérgio Caparelli o que ocorre, na verdade, é uma sintonia entre os interesses, valores e comportamentos dos empresários das empresas de comunicação e os grupos que dominam o poder econômico. “A verdade é que tanto um quanto outro pertencem à mesma classe dominante que usa da imprensa ou da publicidade para reproduzir as condições de sua situação hegemônica”³. Portanto, como nesse momento as políticas econômicas adotadas pelo governo militar não desagradavam as elites brasileiras (é só lembrar do “milagre econômico” brasileiro, entre os anos de 1968 a 1973), também não interferiam de maneira substancial nos quadros financeiros das empresas de comunicação.

É sobre esse cenário que emergem as publicações de cunho alternativo, surgindo, de fato, como uma *alternativa* aos padrões de linguagem, forma e, sobretudo, quanto à abordagem dos conteúdos, impostos pela imprensa convencional.⁴ O fenômeno da imprensa alternativa no Brasil, segundo Bernardo Kucinski, surge do somatório de duas forças: da rearticulação das esquerdas e de seu anseio por protagonizar as transformações as quais propunham; e a busca de novos espaços, por

² ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.135.

³ CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa Sem Massa*. São Paulo: Editora Cortez, 1980, p.63.

⁴ Ainda conforme Caparelli, “a situação predominante provoca o aparecimento de alternativas, pois o conteúdo a grande imprensa estaria subserviente a um poder autoritário e não atingindo no sentido de mudanças na estrutura da sociedade brasileira. Nesse caso, o trabalhador intelectual da grande imprensa veria neste caso aumentar o distanciamento dele, produtor, em relação ao produto final ou então estaria na contingência de uma substituição mental, já que apenas aluga sua força de trabalho”. Op. Cit. p.44

jornalistas e intelectuais, distintos à imprensa convencional e à universidade. Logo, “é na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos”⁵.

O Pasquim

Dentre essas publicações destacou-se o semanário *O Pasquim* cujo estilo satírico-humorístico e a criatividade de seus realizadores tornaram-no um dos mais vendidos de todo o país. *O Pasquim* teve circulação nacional e foi o alternativo que conseguiu manter-se por mais tempo em vigência: de 1969 a 1991. No início, com edições semanais; na fase final com edições quinzenais. Para Kucinski, *O Pasquim* revoluciona a linguagem do jornalismo brasileiro com a introdução de elementos coloquiais aos textos e principalmente por instituir a oralidade como marca fundamental nos discursos. Contudo, conforme observa José Luiz Braga, essa oralidade não era constituída como um padrão único, de simples transcrição de uma forma de falar coloquial ou popular. A oralidade nos textos do *Pasquim* era uma oralidade de autor, que se diferenciava de acordo com o modo próprio com que cada autor expressava-se. Assim, criaram-se palavras e expressões típicas dos jornalistas e caricaturistas do *Pasquim*.⁶

O Pasquim também causou uma mudança no comportamento dos leitores, provocada pelo formato utilizado pelos pasquinianos na elaboração do jornal, criando um estilo de vida centrado em torno do jornal. Porém, esse estilo de vida era baseado nos costumes da classe média urbana da região sudeste, em especial dos cariocas, ficando explícita essa postura no final das páginas do jornal, onde era encontrada a seguinte frase: "*O Pasquim* – um ponto de vista carioca". Bernardo Kucinski ainda complementa afirmando que de início o jornal teria sido imaginado por Jaguar como uma publicação do bairro de Ipanema, do Rio de Janeiro, contudo, "*O Pasquim* logo revelou vocação à universalidade, extraíndo daquele microcosmo uma visão crítica compartilhada por jovens e artistas do resto do país"⁷. De fato ver-se-á que essa universalidade não eliminava os estereótipos e representações de um país regionalizado.⁸

Logo, o Nordeste e os nordestinos não estavam enquadrados a essa sociedade descrita e apregoada pelos pasquinianos. A imagem dessa região era retratada pela pobreza e pela falta de prosperidade, fazendo com que os intelectuais do humor descrevessem o Nordeste de forma depreciativa, com extrema analogia às condições climáticas da região, onde a ênfase era sempre o

⁵ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa no Brasil*. 1º ed. São Paulo: Scritta, 1991, p.XVI.

⁶ BRAGA, José Luiz, *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: Editora da UnB, 1991, pp.128-129.

⁷ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*. Op. cit., p.154.

⁸ Para uma discussão sobre as questões regionais no Brasil contemporâneo, ver Marcos A. da Silva. *República em Migalhas: História regional e local*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1990.

semi-árido nordestino. As representações cômicas feitas pelo jornal, sobre esse aspecto, eram causadas pela idéia de *desvio*, presente no pensamento de Bergson. Segundo ele, as pessoas têm que estar constantemente buscando o equilíbrio da sociedade, através de um esforço constante de adaptação, mesmo assim, existe o que ele chama de "rigidez" – do corpo, da alma e do espírito – que faz com que surjam os que ficam à margem dessa sociedade, ou como denomina, a excentricidade. Assim, para demonstrar a excentricidade da região Nordeste, a qual se desviava do padrão estabelecido – no caso, o estilo carioca – a repressão a esse desvio viria em forma do riso. "Essa rigidez é o cômico, e a correção é o riso"⁹

Os conteúdos abordados por esse jornal estiveram apoiados praticamente na crítica à cultura e aos costumes da classe média urbana, ao regime ditatorial vigente e aos contrastes regionais, principalmente na dicotomia entre o sudeste industrializado e o nordeste arcaizante.¹⁰ Essas abordagens estavam sustentadas seguindo um estilo satírico-humorístico que se apresentavam tanto na forma textual – que não seguiam o formato da reportagem tradicional, mas sim com características de comentário, análise e opinião – como na forma de imagens – cartuns, charges, caricaturas e tiras cômicas. Com base nas considerações de Vásquez sobre o cômico podemos afirmar que a presença desse gênero na imprensa da época pode ser visto como algo socialmente subversivo, por se tratar de um regime fechado, autoritário, como foi a ditadura militar iniciada em 1964. A censura muito se irritou com as publicações que possuíam esse caráter, como no caso do *Pasquim*, tanto pelas denúncias que emitia, quanto pela comicidade que suscitara. "Uma sociedade fechada, autoritária e despótica – e tanto mais quanto mais o seja – se apóia na força, na violência, na censura, na mentira ou na solenidade; por isso não pode contar com o aval do que nega: o riso"¹¹. Os atos repressivos utilizados pelo governo militar contra o jornal, como a apreensão dos números 300 e 377, o atentado a bomba à redação em março de 1970 e a prisão de alguns pasquinianos em 1º de agosto, também em 1970, demonstram a preocupação do regime autoritário com os conteúdos, e ainda mais, com a maneira que os pasquinianos desenvolviam esses conteúdos: através do deboche, da sátira.

O Nordeste no *Pasquim*

A imagem do Nordeste e dos nordestinos é retratada pelo *Pasquim* de maneira estereotipada, com ênfase nos contrastes regionais e na cultura *ipanemense* como referência para a construção do

⁹BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, pp.18/19.

¹⁰ A bibliografia sobre as questões regionais com ênfase na economia desigual e na cultura política oligárquica é extensa. Os estudos culturais também têm sido objeto de análise das ciências sociais desde as discussões clássicas sobre o regionalismo nordestino de Gilberto Freyre, passando pelas análises econômicas de Celso Furtado e Francisco de Oliveira. Nesse sentido, ver Rosa Maria Godoy Silveira. *O Regionalismo Nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

paralelo entre essas diferenças regionais. Para os pasquinianos o Nordeste é extremamente pobre, atrasado, retratado como uma região primitiva em relação ao Sudeste brasileiro, sendo percebidos indícios de discriminação em várias seções do jornal, inclusive na seção CARTAS que desempenha uma função de interação com os leitores. Em edição de julho de 1977, número 418, um leitor de Guarabira, estado da Paraíba, faz a seguinte indagação: "...por que não divulgam o nosso estado? Que faz parte do Brasil." Em resposta o jornal divulga: "Olha aí leitores, esta besta aí chama a Paraíba de Estado!! E acha que *O Pasquim* deveria dar mais – se segurem agora! – cobertura a tal Paraíba. Rá! Só rindo mesmo! Com sorte, ô cabeça chata, esse troço aí pode chegar a golfo e mais nada! Encher de iate, patinho e peixe em vez dessa paisagem horrenda repleta de pobres e miseráveis emporcalhando tudo... Por essas e outras é que o Brasil não está indo pra frente tão depressa quanto poderia. Vá aprendendo a nadar, ô flagelado!"¹²

A declaração dada pelo jornal demonstra o tom de sarcasmo com que os pasquinianos tratavam as questões ligadas aos estados nordestinos, notadamente de maneira preconceituosa e envolvidos de estereótipos que seriam inerentes à região. A gravidade dessa declaração poderia ser acrescida se considerarmos a seção do jornal que ela está localizada, pois se trata de resposta a uma participação do leitor, portanto se esperaria menor rispidez. Contudo, o que se percebe por parte dos pasquinianos é que esse tipo de tratamento agressivo e satírico é dado a grande parte das respostas elaboradas pelo jornal às cartas dos seus leitores e isso, ao invés de irritar ou indignar esses leitores, acaba por provocar uma reação inversa, onde o público identifica na seção a mesma linha que é usada em toda a publicação, chegando, inclusive a reproduzir esse estilo nas suas colaborações com o jornal.¹³

A linguagem que se observa na resposta proclamada pelo semanário é composta de adjetivos extremamente depreciativos, conforme se observa com as expressões “ô cabeça chata” e “paisagem horrenda repleta de pobres e miseráveis emporcalhando tudo”. Frases dessa natureza também são encontradas em outras seções do *Pasquim*, conforme destacamos em “Gip!Gip!”, cujos os textos são de autoria de Ivan Lessa e os desenhos de Redi, “Não há retirante no Nordeste. Apenas participantes morosos e mal informados da grande arrancada para o progresso.”; “No Nordeste quem tem 40 quilos é rei momo”¹⁴. Ambas as frases se referem ao estado de pobreza e miséria da região que normalmente é associado ao clima semi-árido do sertão nordestino e ao flagelo da seca. A comicidade dessas frases pode ser enquadrada seguindo as variedades do cômico propostas por

¹¹ VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 272.

¹² *O Pasquim*. Nº418 Rio de Janeiro, de 01 a 07 de Julho de 1977, p. 02, Seção “Cartas”.

¹³ Nesse caso a explicação freudiana parece ser convincente: o reino do humor é constantemente ampliado quando o artista ou o escritor consegue se submeter emoções cômicas, tais como raiva, dor, compaixão ou ternura. O humor mordaz sempre é produzido, de acordo com Freud, “a custa do humor ou do repulsivo”. SIGMUND, Freud. *Os Chistes e sua Relação com oInconsciente*. (Obras Completas Vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago, 1987, p.215.

¹⁴ *O Pasquim*. Nºs 365 e 387, Rio de Janeiro, 25 de Junho a 01 de Julho de 1976 e 26 de Novembro a 03 de Dezembro de 1976, respectivamente, p.24/25 e p.32, Seção “Gip!Gip!”.

Vásquez. Nos exemplos citados encontramos a *ironia*, uma forma de crítica oculta, sendo preciso ler nas entrelinhas para entender seu real significado. “Na ironia, a crítica permanece oculta por trás da exaltação do elogio ou da felicitação. Suas cartas nunca estão sobre a mesa. Por isso é preciso saber julgá-las, pois o jogo irônico não se desenvolve clara e abertamente. Por sua crítica oculta, dissimulada ou sutil, a ironia se distingue do humor e da sátira. Diz mais do que diz, ou diz menos do que pensa.”¹⁵

Já o *humor* pode ser observado na figura 1, onde é retratada uma paisagem característica do sertão nordestino, com cactos ao fundo do cenário e chão de aparência seca. A mesma figura possui ainda a imagem de um homem com roupas maltrapilhas e pés descalços que passa por outro e faz a seguinte indagação: "Saqueou?". O outro homem, vestido igualmente, responde: "Saqueei, bicho!", este por sua vez traz em seus braços alguns alimentos. No alto da figura encontra-se a frase que serve como introdução para o diálogo: “Seca no Nordeste: 300 mil flagelados saqueiam armazéns e açougues”.

Entendendo o humor como uma forma de crítica compreensiva e compassiva que, ao mesmo tempo em que desvaloriza e afunda o real não deixa perder a sua totalidade. Podemos encontrar essas características na charge descrita acima, pois se conhece o problema da seca e suas implicações para a economia local. Na figura, esse ponto não parece negado, pelo contrário, ele assim é exposto. Mas, o diálogo entre os homens e a caricatura com a qual foram representados, nos dá a noção cômica dessa imagem. A palavra "saqueei" denota ambigüidade entre a gíria carioca "saquei" e o verbo saquear.

Percebemos que essa maneira estereotipada dos pasquinianos retratarem o Nordeste não se limita apenas a essa região, sendo Norte e Sul também alvos desse tipo de descrição. A caricatura exposta inicia-se com a seguinte frase: "A Amazônia, quando cheia, é conhecida na Bahia, quando seca, como terra 'terra abençoada por Deus'. E vice-versa". A ilustração mostra de um lado um homem descalço e sem camisa, com aparência maltrapilha sobre chão rachado e, ao fundo, aparece a caveira de um gado, fazendo alusão ao Nordeste. O outro lado da gravura mostra um índio mergulhado com água até o pescoço, que por sua vez, faz referência ao Norte brasileiro. A charge também pode ser enquadrada à variedade cômica *humor*, de acordo com a divisão proposta por Vásquez, já definida em um momento anterior.

Essa postura de expressar os contrastes regionais com base na dicotomia entre Nordeste subdesenvolvido e Sudeste progressista faz com que a Bahia, em especial a região metropolitana de Salvador, seja vista não como integrante do Nordeste, mas sim como parte da região Sudeste. Esse

¹⁵ VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Op. cit., p. 280-281.

fato fica nítido em várias partes do hebdomadário, principalmente nas entrevistas onde são alusivas à arte e aos artistas baianos, podemos citar a entrevista com o poeta e repentista paraibano Azulão, quando este fala sobre a literatura de cordel e diz que sua mulher não entende muito do assunto pelo fato de ser baiana e não nordestina¹⁶. Outra referência nesse sentido é encontrada na seção DICAS onde Jaguar escreve o texto intitulado "Recado pros bahianos", cujo comentário inicia-se da seguinte maneira: "Não se deixe enganar. Não há nada contra a Bahia, que para mim é uma espécie de Rio de Janeiro passado a limpo..."¹⁷. Em outra edição Caetano Veloso escreve texto onde exalta o seu Estado de origem: "A Ipanemia é uma doença fácil – Endepidêmica, vem em ondas, como o mar, e, como o mar, vem em ondas sem por isso deixar de estar sempre aí mesmo. Não creio que ela se restrinja a Ipanema. Muito pelo contrário: no meu entender, a Ipanemia (como tudo) nasce na Bahia. O Rio apenas exporta para o exterior (São Paulo)"¹⁸. Torna-se evidente a ironia do texto de Caetano Veloso, com características típicas do tropicalismo e dos tropicalistas (egocentrismo e excentricidade), aliás, valores também apreciados pelos pasquinianos. Nas considerações de Caetano Veloso ainda se podem perceber traços da definição sobre regionalismo exposto por Rosa M. Godoy Silveira. "A ideologia regionalista guarda uma especificidade própria, mas se integra em um discurso ideológico mais amplo, o da unidade nacional, de matriz liberal, portanto referenciando a uma escala internacional que torna o nacionalismo brasileiro (como de resto latino-americano) *sui generis*."¹⁹

Considerações Finais

As representações cômicas do Nordeste e dos nordestinos no humor do *Pasquim* são retratadas de modo a contribuir com o acirramento das diferenças político-econômicas das regiões brasileiras. O que podemos concluir que os pasquinianos não conseguem superar as visões tradicionais das regiões, então cristalizadas na cultura política. A imagem retratada pelo jornal das diversas regiões do país é feita através de construções estereotipadas, que não podem ser atribuídas aos pasquinianos a sua criação, uma vez que essas elaborações foram, em parte, produto da elite local. As reflexões que Rosa Godoy tece sobre a influência daqueles que dominam a economia nordestina tornam-se pertinentes para o entendimento dessa formação de estereótipos regionais. Segundo a historiadora, os proprietários nordestinos acabam cedendo a hegemonia em termos nacionais, logo o espaço regional pode até ser reorganizado, desde que sejam preservados os interesses da classe dominante (sejam eles políticos, econômicos ou sociais).²⁰

¹⁶ *O Pasquim*, Nº336. Rio de Janeiro, 05 a 11 de dezembro de 1975, p. 06

¹⁷ *O Pasquim*, Nº 148. Rio de Janeiro, 02 a 08 de maio de 1972, p. 20. Seção "Dicas".

¹⁸ *O Pasquim*, Nº 29. Rio de Janeiro, 08 a 14 de janeiro de 1970, p. ??

¹⁹ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino*. Op. cit., p.234.

²⁰ SILVEIRA Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino*. Op. cit., p.234/235.

O humor pasquiniano ao mesmo tempo em que reproduz a cultura política dos estereótipos, caracterizando a sociedade nordestina mais pelo aspecto da excentricidade que de suas peculiaridades, também traz inegáveis elementos de crítica social, denunciando em muitos casos as oligarquias e a indústria da seca do nordeste. Pode-se dizer, por fim, que as representações cômicas de uma cultura política, que tem como marca estrutural o arcaísmo, não foram inventadas apenas pelas ambigüidades regionalistas de seus intelectuais, mas “pelo férreo desdobramento das condições materiais da expansão capitalista no Brasil”.²¹

Referências Bibliográficas:

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRAGA, José Luiz, *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: Editora da UnB, 1991, pp.128-129.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 2ed. Brasília: UnB, 1986.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa Sem Massa*. São Paulo: Editora Cortez, 1980, p.63.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GERMANO, José Willington. *Estado e Educação no Brasil*.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e Organização da Cultura*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. 1ª ed. São Paulo: Scritta, 1991.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma Re(li)gião*. Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classe. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SIGMUND, Freud. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. (Obras Completas Vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

SILVA, Marcos A. da. *República em Migalhas: História regional e local*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1990.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

²¹ OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma Re(li)gião*. Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classe. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.95/96.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. 1ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2001.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.